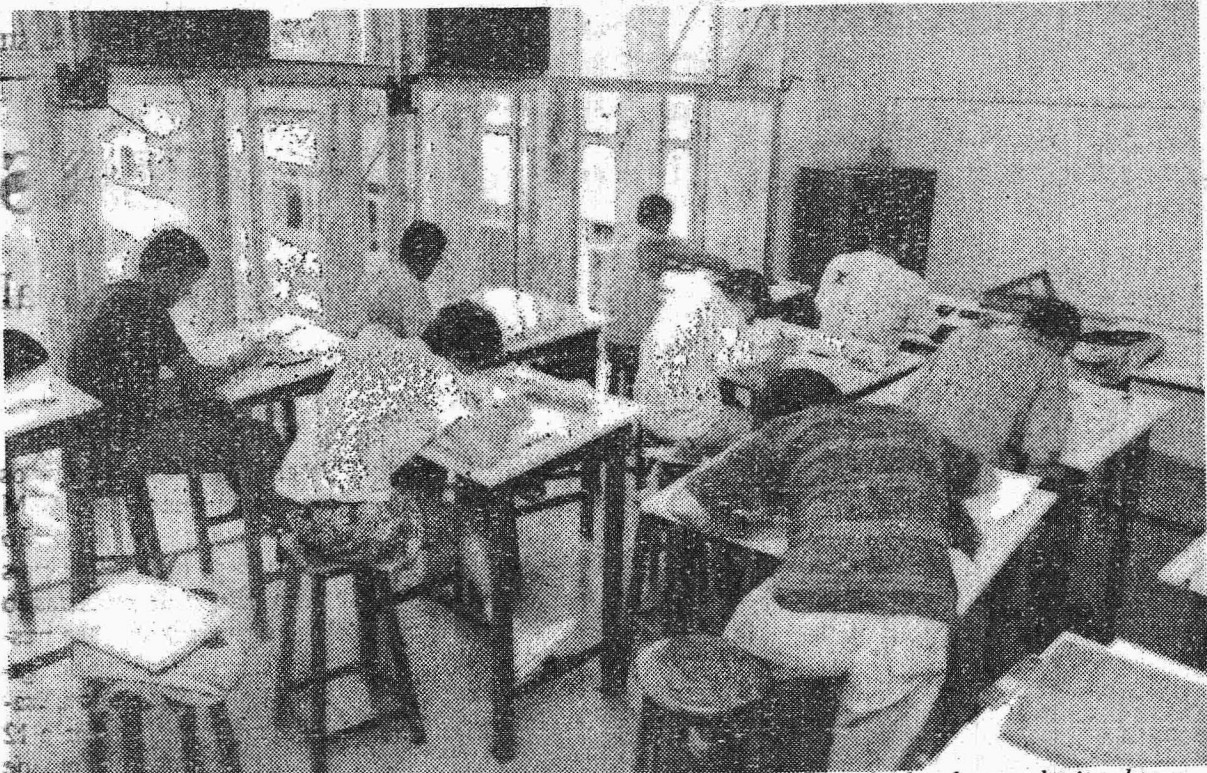


Adriana Caldas



Para os 6 mil alunos, nas salas ou no parque esportivo, 68 mil metros quadrados de tecnologia e lazer

Cefet prova que ainda há vida inteligente no ensino público

■ Escola com visão empresarial terá estúdio completo de TV

MARINILDA CARVALHO

Ensino público e gratuito de qualidade num país em crise não é uma conquista tão inatingível como parece acreditar a UNE, que até promoveu greve geral dos estudantes no início de maio na defesa dessa bandeira. A prova de que há vida inteligente e iniciativa empreendedora no ensino público tem endereço: Avenida Maracana, 229, Rio. Ali funciona o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca — o Cefet-RJ. Na terça-feira passada, foi aberto seu Laboratório de Desenho e Computação Gráfica.

Na próxima sexta-feira, o ministro da Educação, Murílio Hingel, estará presente à inauguração de um estúdio completo de TV — para alunos e público externo. Em função da visão empresarial dada à escola, tudo se baseia na qualidade da mão-de-obra e dos serviços oferecidos ao público, pessoa física ou jurídica. Isso exige atualização tecnológica, obtida somente na parceria com empresas privadas. O Laboratório de Com-

putação Gráfica, por exemplo, virou realidade graças a convênio com a Pacard Informática, que cedeu 10 micros. E 50% do estúdio de TV, equipado com filmadoras e ilhas de edição, foram doados pela Sony. Saem ganhando os 6 mil alunos do complexo.

Bombas da Dancor — que também doou o equipamento da piscina, reformada sem um tostão público —, motores da Autolatina, eletrodomésticos Walitta. A Receita Federal doa vídeos. White Martins e Aga, concorrentes no mercado, equiparam juntas o laboratório de solda.

Tropa de choque — “Sem esses convênios, ainda estaríamos no rádio a válvula”, brinca o professor Carlos Eduardo Roballo Ferreira, que comanda a Central de Produções (Cepro) — espécie de tropa de choque responsável pelos convênios com empresas e dezenas de iniciativas que transformaram a escola, apesar da crise, numa ilha de excelência do ensino público. Até 87, 25 empresas estavam cadastradas no Cefet. Hoje, elas são 900.

Alguns se queixam da velocidade imprimida por Roballo na modernização da escola. “Às vezes, preciso segurar esse pessoal”, diz em tom de brincadeira o diretor-geral, Raul Rouso. “A Cepro era vista como uma iniciativa privatizante dentro do ensino público”, explica. “Mas as escolas técnicas são o grande filão. Só dispararam em qualidade as que adotaram visão empresarial.”

Roballo não se preocupa com as lutas ideológicas, que deixa para o chefe resolver. Seu desafio é equipar o Cefet. Para isso, conta com uma rede de espionagem em todo o país, formada por ex-alunos, que o informa sobre disponibilidade de equipamentos. Há pouco tempo, um ex-aluno que trabalha na Souza Cruz telefonou para avisar que a empresa desativaria um setor. Roballo e seu grupo — as rainhas da sucata, como ficaram conhecidos — conseguiram as máquinas e levaram, de quebra, um convênio com a Souza Cruz.